



**Educação indígena e preservação cultural:
uma conversa com Suni Kukama**

**Indigenous education and cultural preservation:
a conversation with Suni Kukama**

Liandre Deolinda Coutinho de Souza⁵³

Sofia Castro Lourenço⁵⁴

Cauê Pontes de Holanda⁵⁵

Milena Monteiro Soares⁵⁶

Kamilly Pequeno Dias⁵⁷

Cristiane de Lima Barbosa⁵⁸

Edilene Mafra da Silva⁵⁹

As comunidades indígenas da Amazônia enfrentam desafios únicos em sua busca por uma educação que respeite e preserve suas tradições culturais. Segundo o Censo Escolar 2020, apenas 25% das escolas indígenas na região possuem infraestrutura adequada. No contexto da pandemia, esses desafios foram ainda mais graves, destacando a importância de iniciativas educacionais que promovam a ancestralidade e a identidade cultural. Nesta entrevista, exploramos como a educação indígena é fundamental para a preservação cultural, a partir da experiência da liderança Suni Kukama.

Suni Kukama, ou Perpétua Pereira Cerqueira, é uma figura proeminente na luta pela educação e preservação cultural das comunidades indígenas da Amazônia. Formada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam), Suni possui uma vasta experiência na área de educação, tendo atuado como bibliotecária em diversas instituições de

⁵³ Estudante do 7º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: liandresouza.coutinho@gmail.com

⁵⁴ Estudante do 7º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: sofia.lourenco@ufam.edu.br

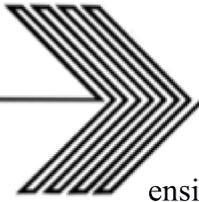
⁵⁵ Estudante do 7º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: caueph@gmail.com

⁵⁶ Estudante do 7º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: milena.soares@ufam.edu.br

⁵⁷ Estudante do 7º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: kamillypp@gmail.com

⁵⁸ Orientadora do trabalho. Professora Dra. do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: crisbarbosa@ufam.edu.br

⁵⁹ Orientadora do trabalho. Professora Dra. do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: edilene.mafra@gmail.com



ensino. Atualmente, ela é mestra em Antropologia Social da Ufam, onde desenvolveu pesquisas focadas na ancestralidade e no papel da educação na preservação cultural de seu povo.

Como liderança indígena da comunidade Kukama, Suni Kukama tem um profundo entendimento das dinâmicas culturais e educacionais que moldam a vida de sua e de outras comunidades. Esta atuação vai além das salas de aula e bibliotecas; ela é uma defensora da valorização e continuidade das tradições orais e rituais que são fundamentais para a identidade e o conhecimento coletivo de seu povo.

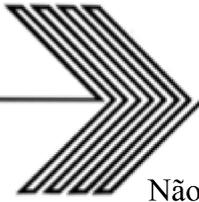
Na entrevista para o episódio da Pod série "FIC por Dentro," um produto experimental do curso de Jornalismo da Ufam, Suni compartilha suas perspectivas sobre os desafios enfrentados pela educação indígena na Amazônia, destacando

a importância da memória e da adaptação para a preservação cultural. Sua abordagem única combina a sabedoria ancestral com métodos acadêmicos modernos, oferecendo uma visão rica e abrangente sobre como as comunidades indígenas estão navegando por um mundo em constante transformação, enquanto preservam e celebram as próprias identidades.



Qual a sua visão sobre a ausência do ensino de costumes e tradições indígenas nas escolas? Você acredita que isso resulta, indiretamente, no apagamento da cultura indígena?

Muitas vezes, os alunos que não são indígenas só vão descobrir o valor que o povo indígena tem dentro de uma faculdade. Foi nesse sentido que eu fiz também o mestrado, porque eu via muitos especialistas só pesquisando os povos indígenas, então eu disse assim “Eu vou fazer o mestrado, eu vou ser a protagonista dessa pesquisa, porque chega. Todos vêm nos pesquisar, a gente só é um instrumento, um objeto de pesquisa”. É difícil você ver que as pessoas não conhecem a realidade desses povos que tem muita coisa a ensinar; elas muitas das vezes dizem assim “Ah, os povos indígenas não são indígenas porque já moram na cidade”.



Não, são indígenas sim. Muitos deixaram de falar sua língua materna, mas por quê? Porque os invasores vieram, os padres, muitas das vezes, proibiram de falar a língua.

No caso do meu povo, nós fomos proibidos de falar a língua materna, só que meus pais são falantes da língua materna e eu falo também. E é difícil, em muitas aldeias, principalmente no Amazonas, você vê que quem fala fluentemente são os Tikuna, que ficaram falando fluente. Entre os Kokamas alguns falam, por isso que tem essa revitalização da língua, porque permaneceram os anciões. E trazendo essa revitalização da língua, muitas dessas culturas que estão na cidade já não tem esse costume e por quê? Porque na cidade você vive em bairro, não tem quintal, se é cada um na sua casa e assim encostado na casa do outro, onde você vai plantar? Aonde você vai cultivar alguma coisa? Não tem [lugar]. Essa é uma dificuldade.

Quando você tá fora da cidade, você tem uma terra, você planta, você tem o teu costume todo né, mas na cidade a gente tenta preservar o nosso costume com a bebida, como nosso ritual que acontece. Na minha casa, sempre eu tenho bebida típica, eu costumo ter a minha comida típica em casa e, se chegou um visitante, eu ofereço. Então, muitas das vezes, as pessoas pensam que assim “Ah, você tá na cidade, você não é indígena mais”, muitos também falam assim “Se quer ser índio, por que tu não vai para o meio da mata?”. Tem essa visão ainda de que o índio é aquele que tá no meio da mata, mas não, gente. Hoje nós não brigamos de flecha, nós brigamos com caneta, dando canetada.

Eu queria pegar o ganchinho porque a senhora falou da sua formação. Particularmente, eu acredito que deve ser muito empoderador você chegar na faculdade e perceber o quanto os próprios conhecimentos a própria ancestralidade são importantes. Então como a senhora acha que essa continuidade dos estudos pode empoderar mais jovens e mais pessoas?

Olha, na faculdade, a gente se descobre né. Eu tinha meus 21 anos e eu não sabia ler. Saí da aldeia e eu não sabia ler mesmo, nada, então hoje eu vejo esses jovens, crianças que com seus 6 anos 7 anos já estão lendo e eu digo “Gente, com os meus 21 anos nem eu sabia”. Mas isso para mim não foi assim “ah, coitada” não, por isso que eu sempre falo que nunca é tarde para você estudar. Vamos estudar, vamos descobrir esse horizonte que também existe fora da cultura indígena, porque nós precisamos conhecer, para podermos debater a lei do branco.



Porque nós entendemos a nossa cultura e a outra é a cultura do branco. O meu nome não-indígena é Perpétua, meu nome indígena é Suni, que quer dizer pássaro que mora na terra.

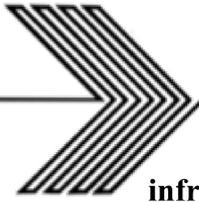
Então, quando eu fui para faculdade, ali despertou um desejo de estudar [...]. Terminei minha graduação já não faz muito tempo, terminei e parei um tempo, aí fui mãe solteira e continuei estudando, porque eu sou aquela que fica na cidade, mas eu auxilio o meu povo que está na aldeia. É como se, com todas as informações que eu tenho, eu apoiasse o meu povo. Ali vou incentivando eles a estudar alguma coisa [...], então eu sou aquela ponte para o meu povo que está lá nos interiores, nas aldeias, eu estudei para isso. Fui formada agora, formei como antropóloga também. Eu vi muitas coisas que a antropologia fala, mas eu sempre eu debati com professor, no caso “Professor, isso não é não é real”, porque os atores escrevem, contam as histórias dos indígenas, mas muita coisa também não é real quando não é um indígena escrevendo. Porque eu posso falar para ti aumentar as coisas. Eu estou dando uma entrevista para você, mas não é como se fosse uma indígena falando com outro indígena. É diferente.

Hoje também conversamos com uma liderança indígena do Parque das Tribos⁶⁰ a respeito das principais dificuldades que alguns alunos sentem, principalmente na educação básica. A senhora poderia citar algumas das principais dificuldades para garantir uma educação de qualidade, especialmente quando a gente pensa na preservação e valorização das culturas indígenas?

Então, eu morei no Parque das Tribos, dei aula durante dois anos e realmente, a realidade dos professores, do local onde a gente dá aula, não é aquela coisa toda como às vezes as pessoas imaginam. Sempre é um lugar que alguém pede para a gente dar aula. A respeito das merendas que vem também, não tem ambiente adequado para fazer a merenda.

Obrigada, Suni. Você citou desafios muito importantes e reconhecíveis hoje, na questão de representatividade. Então eu gostaria de perguntar para você, para finalizar, quais são os passos que precisamos dar para a gente mudar daqui para frente? Questão de

⁶⁰O Parque das Tribos, localizado no bairro Tarumã, em Manaus, é considerado o primeiro bairro indígena da cidade. Fundado em 2014, abriga cerca de 700 famílias de 35 etnias diferentes. Essa comunidade surgiu como uma forma de resistência e busca por melhores condições de vida. Atualmente é onde tem a maior concentração de indígenas em área urbana do Brasil, com mais de 30 povos e quase 20 idiomas diferentes falados.



infraestrutura, de educação. O que você acha que a gente precisa para avançar, sair dessa barreira em que nós estamos?

Falta muito investimento, o governo precisa olhar mais para os povos indígenas. Porque você já viu que não tem tanta política pública para os indígenas, porque todos os indígenas que moram na cidade são colocados para a periferia, lá para a beira do igarapé, longe. E eles querem afastar cada vez mais. Então nós precisamos ter um olhar diferenciado, uma política pública diferenciada para esses povos, porque vai mudar o nosso estudo. Temos que investir nisso. Os indígenas têm que estudar para nós termos o mesmo e ficar no mesmo patamar do não-indígena. Imagina você estudar em Manaus todo tempo, você vai ver um indígena que vem lá da aldeia concorrer em um vestibular, com aquele que estudou na cidade, nem que seja do ensino público. Se um indígena do ensino público concorrer com o ensino público de Manaus, por exemplo, ele não tem essa sabedoria toda. Não é que ele é burro, não é porque ele é menos de que o outro, é por causa do ensino, da falta de investimento, então a gente já vê a dificuldade. Imagina se ele vier concorrer com um de nós da cidade, a gente já sente quando concorre com [alguém] do colégio privado, imagina um indígena que vem lá da sua aldeia. Então precisa ter essa política pública voltada para os indígenas e a única coisa que vai chegar é o investimento na educação. Porque não é só no Amazonas que eu tô vendo isso, como eu estou aqui hoje no Pará, no Mato Grosso, eu vejo que não tem diferença para o indígena [...]. Eu estou convivendo com os parentes indígenas e eu estou nessa aldeia que é dos Kayapó e dos Kaiabi, ultimamente estou fazendo protocolo de consulta junto com eles, então eu vejo isso [essa realidade].

Referências

- CERQUEIRA, P. P. **A música na visão de uma mulher Kukama**: Antropologia, Arte e Resistência. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2023.
- DIZARD JR., W. **A nova mídia**: a comunicação de massa na era da informação. 2. ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FERRARETTO, L. A. **Rádio**: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Dora Luzzatto, 2007.
- INEP. **Pesquisas Estatísticas e Indicadores Educacionais**. Brasília: INEP, 2024. Disponível em: [Resultados — Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira | Inep](#). Acesso em: 28 jul. 2024.
- LAGE, N. **Ideologia e técnica da notícia**. Petrópolis: Vozes, 1979.
- MCLEISH, R. **Produção de rádio**: um guia abrangente da produção radiofônica. São Paulo: Summus, 2001.